

O MOVIMENTO DO CANTO CORAL NO BRASIL

Breve perspectiva administrativa e histórica.

Por David Junker

O propósito do presente artigo é o de tecer comentários sobre as linhas gerais do movimento do canto coral no Brasil, principalmente durante o período do século XX. Este movimento pode ser analisado sob duas vertentes: no âmbito educacional e social, como uma atividade societária.

No Âmbito Social

No ambiente social, o canto coral tem acontecido como uma manifestação cultural onde pessoas de vários seguimentos da sociedade se reúnem com um fim comum, em busca de realização cultural pessoal que será manifesta através de experiência ou vivência da sensibilidade estética. Felizmente, não é discriminatória e se dá nos variados níveis sociais, dependendo apenas da iniciativa de algum agente societário, seja uma instituição, ou até mesmo indivíduos idealistas iniciadores da própria atividade coral. Neste contexto, o canto é realizado de forma amadorística.

Em todo o mundo, e o Brasil não é exceção, a grande maioria dos grupos corais é de amadores. São movimentos de natureza comunitária em geral ligados à uma instituição, ou independentes (posteriormente serão discutidos os variados gêneros de grupos corais). Estes últimos, em via de regra são guiados pelo idealismo de seu regente ou, em bem menores proporções, de um número de líderes que insiste em manter o grupo com todas as forças possíveis.

O termo “coral amador” implica na realização de uma atividade onde seus cantores o fazem por amor à música. De acordo com o dicionário Aurélio o verbete amador indica em suas definições as seguintes características: “Diz-se daquele que se dedica a uma arte ou ofício por prazer, sem fazer destes um meio de vida; Diz-se da arte ou ofício praticado por amadores; amante; indivíduo amador; entusiasta, apreciador; Aquele que entende superficialmente de alguma coisa”. Em comparação com o verbete profissional, o Aurélio nos provê as seguintes definições: “respeitante ou pertencente a profissão, ou a certa profissão; que exerce uma atividade por profissão ou ofício; diz-se do que é necessário ao exercício de uma profissão, ou próprio dela; diz-se de pessoa voltada habitualmente para certa atividade como se fosse ela ofício ou profissão; pessoa que exerce uma atividade por ofício” (versão eletrônica, 1996). O dicionário não diz que o profissional é aquele que ganha dinheiro por exercer uma atividade, porém está implícito que dinheiro pode estar envolvido

Para se descrever a atividade coral como um meio de atividade social, é necessário que se caracterizem os diferentes gêneros ou categorias corais para que seja visto com clareza onde o canto coral acontece em uma sociedade como a brasileira. Necessário se faz também clarear que estes gêneros ocorrem nas duas vertentes descritas acima e, muitas vezes, se conectam tornando-se assim difícil separar em qual delas uma determinada atividade coral está contida.

A palavra gênero, aqui, implica em qual tipo, categoria, estilo ou estrutura de atividades corais que são realizados. Para cada um existe um contexto específico que causará em objetivos e estruturas musicais e administrativas diferentes.

Baseado em citação de Ribeiro (1998) em sua palestra na *I Oficina de Administração Coral*, feita pela Federação de Coros de Brasília no mês de outubro, os grupos corais podem ser classificados nos seguintes gêneros:

Corais de empenho: grupos corais que pertencem à instituições cuja a atividade principal não é música. Nesta categoria estão contidos coros profissionais ou amadores ligados a algum tipo de órgão, grupos de empresas, grupos de estabelecimentos educacionais que não sejam de música especificamente.

Corais religiosos ou sacros: grupos corais que são ligados à instituições religiosas, cujas atividades principais se desenvolvem de acordo com a programação litúrgica da mesma.

Corais de escolas técnicas e superiores de música: grupos ligados a instituições educacionais de música cujo objetivo maior é o desenvolvimento acadêmico. A partir do momento que estes grupos começam a tomar o fôlego da subsistência, eles gradativamente se tornam uma organização mais estruturada adquirindo muitas vezes uma identidade quase que autônoma da própria instituição.

Corais independentes: Grupos corais que não são ligados à instituição alguma, geralmente criados por idealismo do próprio regente ou de um grupo de líderes. Alguns destes grupos também surgiram por algum tipo de desligamento de instituições a que estavam antes filiados.

Alem das considerações de Ribeiro acima apresentadas, e considerando alguns pontos de vista musicais como: quais os tipos de grupos e tipos de vozes que se pode juntar para reger, quais os grupos sociais a que pertence o coro, quais os níveis artísticos que se podem atingir baseados na dificuldade de repertório, quais os objetivos gerais que se pode alcançar, os gêneros corais podem ser classificados de maneira levemente diferente da mencionada acima. Porém, um dos fatores mais importantes que irão delinear o trabalho e características de um gênero é o repertório com as suas implicações, tais como: extensões vocais, o uso de agrupamento das vozes (SCTB), sua complexidade, seus estilos históricos, etc. Abaixo estão os gêneros assim classificados:

Coros infantis: Grupos corais formados por crianças que ainda não passaram pela muda vocal. Frequentemente atividades de iniciação musical, com suas variadas metodologias, são utilizadas com as crianças. Estes métodos deveriam ser aplicados por todos os regentes de corais infantis, pois eles trazem tremendos benefícios para a formação musical do indivíduo.

Coros Masculinos: Grupos corais formados de homens que podem também fazer uso de falsete ou sua voz de cabeça. Portanto este grupo pode ser ou de vozes iguais ou mistas. No entanto, é muito raro o uso de falsete constante onde se trabalha um repertório misto frequente.

Coros Femininos: Coros formados por mulheres e moças. Estes grupos são definidos como de vozes iguais.

Coros Adultos Mistos: Grupos de homens e mulheres com vozes maduras. O repertório pode conter extensões variadas onde se exige vocalmente do cantor.

Coros Comunitários: Grupos corais formados por gente de uma comunidade específica de caráter social, religioso ou político. Geralmente são pessoas leigas em música cujo objetivo pessoal é o de ter uma atividade a fim de obter satisfação ou realização pessoal. Muitas vezes o cantar pode ser algo com objetivos secundários.

Coros Sacros: Os chamados coros de igreja, estes tem objetivo de enriquecer as atividades litúrgicas em uma comunidade eclesíastica. Seu repertório é quase que exclusivamente de músicas sacras e suas participações musicais, em sua maioria, são dentro da própria igreja ou instituição religiosa.

Coros de Empresas: Estes são de dois tipos. O primeiro, em sua vasta maioria (quase que a totalidade) existe com objetivos de se ter um grupo na empresa com atuação artística nas atividades sociais ou de cunho patriótico. Seus participantes geralmente são funcionários das empresas que tem alguma ligação com a música coral, porém o fazem por amor; O segundo tipo, tem o objetivo de representar a instituição em suas variadas atividades sociais de cunho interno ou mesmo externo. Este grupo pode levar o nome da instituição em uma grande porção de variados eventos, principalmente fora da casa. Embora sejam casos raros, existem propostas para que, como em algumas situações do esporte brasileiro, os membros do grupo coral estejam contratados somente para exercer a função de cantores do coro, exatamente para dedicarem-se exclusivamente para representar a instituição quando necessário.

Coros Profissionais: Segundo definições pelos especialistas, um coro pode se tornar profissional sob duas situações diferentes. Alguns deles acham que somente uma delas indica o fato do grupo ser profissional, que é quando há salários ou proventos para que o cantor exerça a função. Outros acham que profissional é o grupo cujas pessoas têm formação acadêmica para tal. Ou seja, estudaram para exercer a função. De qualquer maneira, sob uma ou ambas as circunstâncias, é dos gêneros mais raros no país.

Coros Universitários: No Brasil, existe uma situação interessante em relação a alguns corais universitários. Existem alguns grupos que são ligados diretamente à reitoria através de decanatos ou pró-reitorias de assuntos ou ações comunitárias e não ligados a departamentos de música. Muitas vezes esses grupos foram originados nos *Campus* em consequência de atividades da comunidade sem a iniciativa do departamento de música propriamente dito. Desta forma, com a solidificação do movimento na universidade, estes grupos se tornaram uma atividade comunitária e de representatividade externa (quando necessário) da instituição a que estão ligados. Poucos são os corais universitários no país ligados ao departamento de música.

Coros de Escolas Secundárias: Coros de jovens cujo repertório a ser desenvolvido, em sua maioria das vezes, deve ser mais leve por consideração das extensões vocais dos cantores envolvidos. Para os grupos que trabalham com repertório musical mais simplificados, existem arranjos musicais próprios para este gênero compostos a três vozes. Soprano, contralto e barítono. Semelhantemente aos coros universitários, estes grupos surgem mais como uma atividade comunitária no meio escolar, do que como uma atividade acadêmica. São as chamadas atividades extra classes.

Coros Infante/Juvenis: Considerando o repertório, são grupos semelhantes ao gênero anterior, com a diferença de que as vozes de soprano e contralto (ou primeira e segunda vozes) são infantis. Grupos que surgem principalmente em igrejas e escolas, seu repertório consta preferentemente de peças sacras e folclóricas.

Coros líricos e Sinfônicos: Este gênero tem o repertório como principal fator indicativo. Estes grupos usualmente realizam peças sinfônicas para coro e orquestra, coros de ópera, operetas ou peças de estilos semelhantes. Eles geralmente pertencem há teatros municipais, estaduais ou nacionais, como um dos três corpos quando há estrutura para tal (orquestra e bale são os outros dois) ou a instituições superiores de música. Há também os coros sinfônicos comunitários, que tem a mesma estrutura do primeiro, porém são mantidos e abertos para toda a comunidade sem ser seletivos.

Coros Cênicos: Grupos que tem como características executarem tanto concertos como shows onde utilizam também da coreografia para suas apresentações. Seu repertório consiste em grande parte de peças incidentais onde histórias são contadas tais como: Óperas, operetas ou cantatas cênicas. Porém estes grupos não ficam restritos a este tipo de repertório somente.

Coros de Câmara ou Madrigais: Grupos cujo número de participantes é restrito. Estes termos são originados na história da música. O termo *câmara*, que dentre as suas definições, compõem-se aposento, compartimento, surgiu quando a prática musical começou a se espalhar para além dos espaços da igreja até atingir os locais dominados pela aristocracia. Exatamente pelo fato de apresentações serem realizadas nos aposentos das cortes da época. Inclusive, havia a prática de *sonata da chiesa* em contrapartida à *sonata da câmara*. O termo *madrigal* originalmente se refere a um forma composicional utilizada durante a renascença na Itália. Eram peças musicais seculares cantadas por grupos vocais com uma pessoa por voz. Daí, despontaram grupos madrigalescos fazendo predominantemente esta forma musical. Com isso, como forma derivativa do termo original, grupos de limitado número de pessoas surgiram com o nome de madrigais.

Coros de Terceira Idade: Este termo se refere a alguns grupos corais que tem surgido em tempos modernos cujos participantes são pessoas idosas. Esta atividade tem tido relevada participação em diferentes cidades brasileiras por proporcionar a estes cantores uma ocupação que lhes desenvolve o ânimo, o moral, o humor, etc. Também causa um profundo sentido de auto realização em cada cantor.

Grupos vocais: Semelhantemente aos grupos de câmara e madrigais, estes grupos também tem número restrito de pessoas. Porém suas atividades, objetivos e repertório são diferentes. Geralmente são grupos que realizam shows ou participam como *back up* vocal de cantores ou instrumentos solistas. Seu repertório, em grande parte, consiste de música popular, jazz, gospel ou *jingles* para rádio ou Televisão.

No Âmbito Educacional

Para se tratar do movimento de canto coral em sua vertente educativa, é necessário que se trate da área de música como um todo. Mesmo porque, em grande parte o exercício da música como prática escolar se resume somente em atividades corais.

A prática de música coral no Brasil ambos no sistema de escola pública e em escolas de música especificamente foi descrito como ineficaz pela autora Ceição Barros Barreto (1973). Nas palavras dela, música coral, como um assunto acadêmico, foi parte do currículo só esporadicamente, e nessas ocasiões "a prática de coro nas escolas em geral, e nas escolas de música era muito deficiente, sendo as canções mecanicamente executadas, quando não ensaiadas por audição, com repertório inadequado às vozes e possibilidades dos cantores" (pág. 56).

Barreto cita várias razões que justifiquem esta situação. O primeiro é uma falta de procedimentos sistemáticos na educação brasileira que trabalhem para o desenvolvimento de fundamentos de música coral. Segundo, até pouco tempo atrás, as instituições acadêmicas raramente ofereciam cursos e graduações com o fim de preparar os professores para carreiras em música coral. Terceiro, até julho de 1999 não havia nenhuma associação profissional nacional de regentes de coros no país com o fim de prover liderança e orientação para educação de música coral no Brasil. Mesmo com o surgimento desta associação, cujo principal moto é a *Volta do canto coral nas escolas*, seus efeitos sobre a sociedade coral e a cultura nacional, somente serão sentidos após um longo período de esforços articulados incessantemente. Em suma, a educação de música coral não foi historicamente uma parte constante do currículo escolar em educação brasileira até os dias de hoje.

Historicamente, houve períodos em que a legislação brasileira para a educação estabeleceu medidas para fazer com que a música fosse uma exigência no currículo de

escola pública. Barreto (pág. 56) cita exemplos de tal legislação, como o ato de 1921 em que estipulou que "O ensino de música nas escolas primárias, com canções populares e nacionais, se faz dia a dia mais necessário". Jannibelli (1971), corroborada por Gonçalves (1996) citam atos de 1928, a "Reforma Fernando de Azevedo" (Lei 3.281) e de 1930, "Reforma Anísio Teixeira, onde este último proporcionou a criação do SEMA (Superintendência de Educação Musical e Arte do Departamento de Educação da Prefeitura do Distrito Federal), que veio a ser dirigido por Villa-Lobos. Este esforço resultou no principal movimento educacional do séc. XX para a música coral especificamente através do chamado "canto orfeônico". O mestre Villa-Lobos acreditava que todos os cidadãos brasileiros deveriam estar expostos ao ensino de música. Disse ele: "Todo mundo tem capacidade para receber esses ensinamentos" (op. Cit. Gonçalves, 1996; pg 47). Como resultado, foi introduzido o ensino da música nas escolas regulares além de terem sido criadas específicas de música. Seus discípulos também levaram projetos semelhantes a termo em várias cidades do país. Um outro ato de 1965, declarou também a importância de música nas escolas públicas.

Com base no brilhante trabalho de Villa-Lobos, vários expoentes da música coral no Brasil tiveram momentos importantes na aventura do desenvolvimento deste trabalho e expuseram a importância desta atividade expressando-se como Roquete Pinto (op. cit. Cartolano, 1967; p.23), que com grande propriedade, discursou sobre a o canto coral no Brasil como atividade da massa populacional, descrevendo-a como um símbolo de uma sociedade onde os vários interesses se fundem. Disse ele:

Todos nela figuram, velhos, moços, crianças, homens e mulheres, operários, camponeses, soldados, sábios, poetas e artistas. Todos os povos fortes sabem cantar em coro. Nas horas tristes e nos momentos felizes, unem-se as vozes nas canções da Pátria, onde ressoam as lembranças dos maiores, sublimando o júbilo ou espantando o mal do desespero. O canto em coro, praticado desde a infância, propagado nas escolas e nos lares, dará gerações renovadas na disciplina dos hábitos da vida social, homens e mulheres que saibam, pelo bem de sua terra, cantando trabalhar e por ela cantando dar a vida.

Não obstante, a falta de uma tradição em música nas escolas junto com a falta de estrutura no sistema escolar conduziu à modificação de tais atos e até mesmo os rescindiu completamente. Barreto também declarou que a música coral como um assunto de curricular foi negligenciado por administradores devido a ignorância da importância do canto em grupo na educação do indivíduo. Esta ignorância pode ter sido em parte o fruto de uma falta de liderança dos superiores ou do fato que eles mesmos podem não ter estudado música na escola quando alunos.

Oscar Zander (1985), outro autor brasileiro, também disserta sobre o problema do desenvolvimento do canto coral no Brasil. Ele atribuiu a situação de coros no Brasil para elementos de cultura e tradição. Considerou que "nossa vida coral está, por assim dizer, em sua infância" (pág. 171), mas que "os problemas serão solucionados e poderemos bem construir, se tivermos a base para colocar um bom fundamento na área cultural, educativa artística" (pág. 172).

Segundo Junker (1990), um outro fator que coopera com esta situação de pouco desenvolvimento do canto coral no Brasil, é a falta de livros, artigos acadêmicos e manuais endereçados para os problemas enfrentados pelos regentes corais brasileiros. Muitos deles se sentem ilhados, sem contato com o que se produz de estudos científicos

relacionados com métodos e técnicas de ensaio, suas dinâmicas e como trabalhar com a administração de um grupo coral.

Apesar desta situação, programas efetivos de atividades corais têm sido desenvolvidos em um grande número de estados brasileiros através de festivais, encontros, seminários e painéis relativos ao movimento de música coral no Brasil. Algumas destas atividades foram organizadas independentemente; outras têm sido apoiadas pelo Instituto Nacional de Música. Esta instituição criou o Projeto Vila-Lobos para cultivar a música coral no Brasil através de painéis, seminários, encontros e reuniões de regentes e também com publicações de música coral brasileira.

Este projeto, que se findou em 1990, existiu durante aproximadamente dez anos. Inspirou a criação de federações corais estaduais, a Confederação Brasileira de Coros, e fortaleceu a prática de música coral no país estabelecendo contatos entre os regentes unindo-os em redor de objetivos e aspirações comuns. Foi um momento na história do canto coral brasileiro, onde foram proporcionadas várias oportunidades de crescimento técnico, artístico e musical para os regentes e cantores, através de várias filosofias de trabalho na prática do Canto Coral. Sem dúvida, houve um enriquecimento quanto ao papel do regente como líder, à técnica vocal específica para corais, o relacionamento humano entre os cantores e um desenvolvimento de um repertório brasileiro mais atual através de várias composições e arranjos novos. Aspectos estes da vida coral que não tinham sido trabalhados anteriormente.

Apesar das realizações do Projeto Vila-Lobos durante os últimos dez anos, diretores dos coros brasileiros ainda sofrem uma grande necessidade pela realização de uma prática sistemática para o desenvolvimento da área de música coral. Uma estratégia sistemática para música coral, baseada em bases acadêmicas, certamente incorporará uma gama de métodos publicados e materiais que irão nortear as atividades dos regentes em busca de um aprimoramento da prática coral no contexto cultural brasileiro.

Referências Bibliográficas

- Barreto, C. B. (1973). Canto Coral organização e técnica de coro. Petrópolis, RJ: Editora vozes.
- Cartolano, R. B. (1968). Regência: Coral, Orfeão e Percussão(2^a ed.); São Paulo, SP; Irmãos Vitale editores.
- Gonçalves, M. I. D. (1996). A Música, uma alternativa da Educação na Reconquista do homem. Brasília, DF: Edição Especial. Fone: 0 ++ 61 248-2490
- Junker, D. B. (1990) Condições de ensaio e atitudes para com metodologia coral de regentes corais brasileiros: análise de pesquisa e recomendações. [Brazilian Choral Directors' Rehearsal conditions and attitudes toward choral methodology: survey analysis and recommendations.] (Dissertação de doutorado, University of Missouri-Columbia, MO – USA). Dissertation Abstracts International.
- Junker D. B. (1999). Manuscritos do livro a ser publicado: A arte da regência coral. Brasília, DF.
- Ribeiro, H. R. (1998, outubro). [Palestra na I Oficina de Administração Coral, Federação de Coros de Brasília].
- Zander, O. (1979). Regência Coral. Porto Alegre, RS: Editora Movimento.

Guia para continuar

-  **Programação da ANPPOM 1999**
-  **Informação dos Participantes**
-  **Saída dos Anais da ANPPOM**